

Arlette Farge, Lugares para a História, Lisboa, Teorema, 1999, 168 páginas (ed. original: Paris, Seuil, 1997).

Arlette Farge inicia este livro, em que percorre a própria trajetória como historiadora, fazendo a apologia das vias de investigação que se instalam nas margens disciplinares. Reafirma a necessidade de tornar claro o lugar donde o historiador olha. Esse posicionamento é quase constantemente balizado pela sua leitura de Michel Foucault, com quem trabalhou e publicou.

Seguindo Marc Bloch, considera que «entre o querer e o saber a história deve ser enervada pelo tempo, portanto irrigada por ele». «Na actualidade, ora trágica, ora melancólica, há lugares para a história que permitem pôr em conjunto o passado e o presente, interrogando de outro modo os documentos, bem como os acontecimentos, procurando articular o que desaparece sobre o que aparece.» Esses lugares situaram-se, para Arlette Farge, no século XVIII e chamam-se sofrimento, violência, guerra. Constituem momentos que desinscrevem os acontecimentos de pretensas cadeias de causalidades inelutáveis.

Neste livro correspondem aos três primeiros capítulos e pontuam a obra da historiadora, que nos incita a reflectir sobre o sofrimento, contestando a ideia de que a ritualização o torne menos escandaloso, triste ou assustador. Escolhe o exemplo da morte para afirmar que o sentimento

de despojamento tem formas de expressão com implicações sociais e políticas que pertencem à história por direito próprio.

Arlette Farge faz parte dos historiadores que dão particular importância às margens e à forma como a sociedade as gere. Assim, a expressão do sentimento de dor é para ela uma brecha através da qual o historiador vê uma sociedade enfrentar ou gerir o que lhe acontece. A palavra que a exprime provoca compaixão ou agressividade. O historiador tem por missão confrontar o documento porque uma história feita com testemunhos não criticados seria uma história sem coerência. Paralelamente, uma história que não levasse em conta as rupturas da singularidade seria uma história que recusaria o excesso, o distanciamento, o desolamento e as paixões sangrentas, grandiosas ou infames.

Ao reflectir sobre a violência, toma Foucault por mestre e diz-nos que a sua interpretação pela sociedade é mais reveladora do que a violência em si própria. Discorda das interpretações eliasianas que encontram uma violência progressivamente contida pela regulamentação. Da mesma forma encontra os limites da posição de autores que a interpretam como forma de integração social, afirmando que apenas trabalham sobre a dicotomia violência/ordem, desprezando a riqueza das situações.

Ao escrever sobre a guerra reafirma a singularidade do acontecimento, uma singularidade que o historiador

deve analisar alheando-se do júbilo pela evolução positiva ao mesmo tempo que questionará os documentos com a certeza de que o que aconteceu podia não ter acontecido. É de novo a Foucault que vai buscar inspiração quando nos incita a pensar o acontecimento não só para além da necessidade como de certa forma negando essa necessidade. Incita-nos a ler a guerra como materialização da violência simbólica. O olhar do historiador dirigir-se-ia, assim, para a desordem lida no *dire et maldire* de uma opinião que não pode, no Antigo Regime, exprimir-se publicamente¹.

Num percurso pelo século XVIII as «luzes» são questionadas pela sua atitude face à guerra. Uma atitude que a historiadora considera ambivalente, oscilando entre a condenação dos desastres, a saudação das vitórias e a admiração pela progressiva racionalização da bela arte. Ainda assim, seriam os militares a exprimir melhor o horror da guerra.

O capítulo seguinte ocupa-se das palavras ditas². Para além de uma integração da oralidade como ilustração no relato histórico tradicional,

Arlette Farge defende que o historiador deve dar uma atenção particular às palavras ditas que os documentos evocam. O percurso nesse sentido foi favorecido pela emergência de novos métodos, novos problemas e por uma acrescida atenção à singularidade. Considera não ter estado só ao percorrê-lo, mas declara ter encontrado a oralidade na sua fonte preferida, os arquivos policiais do século XVIII. «A irrupção da palavra nas fontes históricas é uma sorte, uma vez que traz consigo, na sua intrínseca estranheza, novas interrogações, a fazer não apenas à interpretação dos acontecimentos históricos, mas à própria feitura do relato.» Não se trata de acumular singularidades para reconstruir um relato esmigalhado, mas de articular as rugosidades da palavra dita com os grupos sociais e os acontecimentos colectivos de que dependem sob formas variadas. A escrita da história não é, pois, um relato de singularidades, mas uma pesquisa sobre as palavras ditas no que elas têm de racionalizável, sem esquecer o que têm de «resto», que teimosamente permanece.

Da singularidade ao acontecimento valoriza a estrutura do relato que o historiador encontra ou igualmente a do que produz. No arquivo, lado a lado, os grandes e os pequenos acontecimentos desenham um jogo de luz e de sombras, sobre o qual há que reflectir. O historiador tenderá a preocupar-se com o silêncio das suas fontes sobre os grandes acontecimentos. Procurará o que é

¹ É, assim, particularmente pouco adequado traduzir opinião por opinião pública, como se verifica pelo menos em duas frases. Traduzir Arlette Farge não é fácil, mas as pontuais pesquisas de palavras que soavam mal que fizemos revelaram opções que deturpam o sentido. Já na p. 31 do original a tradução de *sujet* por sujeito, em vez de assunto, levanta dúvidas.

² Ainda aqui a tradução dificulta a compreensão ao traduzir *parole* (p. 67 no original) por palavra.

saliente e se torna significativo a partir das suas hipóteses de trabalho. Ao fazê-lo selecciona e muitas vezes esquece que o fez. Os acontecimentos deixados de lado constituirão, assim, uma espécie de amnésia.

Farge salienta a possibilidade de o acontecimento poder transformar-se num observatório do social. Põe em foco o livro *Le pouvoir au village, l'histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVIII^e siècle*, cujo autor, Giovanni Levi, procura compreender o conjunto das relações que irrigam um grupo social, uma aldeia, um bairro, inscrevendo o singular numa multiplicidade de espaços e na complexidade do social.

Mas a autora questiona o próprio acto de inscrever um acontecimento no relato lamentando que raramente o acontecimento apareça como um lugar donde jorra a interrogação. O próprio acontecimento é modelado pela opinião conforme percepções diferentes. No Antigo Regime os reis terão espiões colocados nas ruas, parques e botequins. A palavra dita dos populares é objecto de fascínio, mas também de perseguição. A comunidade não se exprimirá só por palavras, mas também por ritos, gestos, práticas e comportamentos. À linguagem simbólica do poder contrapõe-se a adesão ou a desafeição.

Mas a emotividade popular é desvalorizada pelas elites. O desregramento, a animalidade e a feminização sublinham essa desvalorização. Assim, os afectos, a emotividade, de-

vem ser pesquisados pelo historiador na sua lógica social. As disposições emocionais dos actores sociais, mesmo quando são efémeras, marcam momentos precisos e traçam sulcos onde se alojam a memória e a visão do futuro.

O rei apela à emoção popular sob a forma da efusão colectiva, mas teme a população emocionada. A própria emoção estética da magnificência real podia ser percebida desfavoravelmente pelos súbditos. É belo o que é considerado justo. A população não aceita a magnificência como ela é dada.

Neste livro Arlette Farge ocupa-se ainda, brevemente, da diferença entre os sexos. Fá-lo de forma muito diferente da que utiliza para abordar os outros temas. Parte da publicação da *Histoire des femmes*, em França, para salientar a diferença de abordagens entre os *women studies* na América e a história das mulheres. Faz uma abordagem crítica de algumas obras para procurar um caminho na crise moral e intelectual que considera existir. A sua principal crítica vai para a ideia da fixidez da construção da diferença entre os sexos. «A ordem das coisas nunca é fixa: produz-se e reproduz-se, transforma-se e recusa-se.»

À laia de conclusão, o livro segue duas personagens de Flaubert na sua procura do passado e da história para concluir que «a história está votada à construção do seu objecto; a sua elaboração é um processo social, necessariamente colectivo, que estabelece

vínculos, sempre revisitados, entre os homens do passado e do presente.»

O livro de Arlette Farge não é de leitura fácil, mas interroga a nossa forma de encarar a investigação histórica. Interroga os nossos hábitos, a forma como seleccionamos os documentos ou construímos o relato histórico. Ajuda-nos a desfazer certezas e a procurar os lugares em que a história se vê das margens. Lembra-nos que é nessas paragens onde a amnésia se instalou que melhor podemos encontrar os nossos tesouros.

MAGDA PINHEIRO

Paulo Areosa Feio, Território e Competitividade. Uma Perspectiva Geográfica do Processo de Internacionalização do Sector Cerâmico, Lisboa, Edições Colibri, 1998, 166 páginas.

Com esta publicação, que constitui uma versão ligeiramente modificada da sua dissertação de mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1995, o autor dá a conhecer a um público mais vasto as preocupações de âmbito geográfico referentes ao investimento directo estrangeiro (IDE). É, inequivocamente, um importante contributo para a análise do investimento directo português no estrangeiro e, simultaneamente, um estudo inovador do

ponto de vista do papel do território para a explicação do fenómeno de internacionalização das empresas do sector cerâmico das áreas de Aveiro/Ílhavo e das Caldas da Rainha/Alcobaça/Nazaré¹.

O trabalho de Paulo Areosa Feio incide numa problemática muito cara aos geógrafos e aos que se dedicam às questões do desenvolvimento regional e local, sobretudo porque o autor demonstra que a internacionalização das empresas, por via da exportação ou do investimento directo no estrangeiro, também depende das características do território. O espaço não é mais um quadro inerte, mas sim uma categoria analítica central nos estudos da actividade económica, à semelhança das empresas, Estado, instituições, recursos humanos... Outro aspecto meritório deste trabalho reside na clareza da prosa e no esforço de síntese de matérias complexas, frequentemente apresentadas sob a forma de esquemas e quadros, que ajudam o leitor menos familiarizado com o tema em estudo. Destaque-se ainda a dimensão do trabalho de campo realizado e a qualidade da informação recolhida, que contribuem para um aprofundamento do conhecimento das estratégias de internacionalização do sector cerâmico. Por último, merece um comentário muito favorável a articulação entre os conteúdos teóricos e a análise empírica,

¹ Esta terá sido, porventura, uma das razões que justificaram a atribuição do Prémio Nacional de Geografia (Associação Portuguesa de Geógrafos).